

As marcas lingüísticas da sequência argumentativa no gênero artigo de opinião

Aline Renée Benigno dos SANTOS¹ (UFSC)
Prof. Dr. José Ricardo HACK²(UFSC)

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de analisar a função das marcas lingüísticas da sequência argumentativa no gênero artigo de opinião, ou seja, reconhecer os traços lingüísticos pertinentes aos recursos utilizados no texto em nível macro e micro estrutural. Pretende ainda discutir uma das tentativas de tipificação de textos, evidenciando sua necessidade ao surgimento de novas motivações sociais. Essa tipificação de texto baseia-se em critérios da retórica ou critérios puramente funcionais da língua, os quais se mostram abrangentes à descrição global dos diversos tipos de texto. Para tanto, foram necessárias análises da macroestrutura e microestrutura de composição argumentativa no gênero artigo de opinião, no que diz respeito à sua dimensão pragmática, esquemática global e lingüística de superfície.

PALAVRAS-CHAVE: Lingüística Textual; sequência argumentativa; artigo de opinião.

Introdução

Todo o texto depreende as idéias da sociedade e da época em que foi produzido, ou seja, quando se afirma que os textos se relacionam com a história, não se quer dizer que eles narram fatos históricos, mas sim revelam os ideais, os anseios, os medos, as constatações de uma determinada época. Uma sociedade não produz uma única forma de ver a realidade e, por isso, constroem-se nela textos que fazem pronunciamentos antagônicos com relação aos mesmos dados da realidade. Fazer uma reflexão pessoal é analisar essas idéias de maneira crítica, verificando até que ponto elas têm apoio na realidade. Platão e Fiorin (1990, p.28) analisam que “para entender com mais eficácia o sentido de um texto, é preciso verificar as concepções correntes na época e na sociedade em que foi produzido”. Todas as idéias de uma época estão presentes nos significados dos textos, lembrando que não existem idéias puras, ou seja, não transmitidas lingüisticamente. Assim, ao analisar as idéias presentes num texto, percebe-se o diálogo entre ele e a época em que foi escrito. Sendo assim, este trabalho pretende discutir uma das tentativas de tipificação de textos, evidenciando sua necessidade ao surgimento de novas motivações sociais. Essa tipificação de texto baseia-se em critérios da retórica ou critérios puramente funcionais da língua, os quais se mostram abrangentes à descrição global dos diversos tipos de texto.

Uma tipologia de texto deve ser articulada a uma tipologia de discurso, ou seja, é preciso considerar a relação entre texto e discurso. A escolha de uma tipologia não se faz aleatoriamente, mas depende dos objetivos específicos de análise que se pretende realizar. Pode-se dizer, então, que as tipologias baseiam-se em critérios ligados às condições de produção dos discursos e às diversas formações discursivas em que podem estar inseridas. Estas tipologias procuram levar em consideração os esquemas conceituais-cognitivos, as características formais e convencionais, e os meios lingüísticos que, em dada situação sócio-comunicativa, são utilizados pelos interlocutores para realizar suas intenções. Werlich (apud KOCH e FÁVERO, 1987, p.4) afirma que “os processos cognitivos característicos de cada tipo são desencadeados e desenvolvidos por atos de locução, dirigidos para a situação e por reações a aspectos específicos da situação”. Classifica, ainda, os textos em cinco tipos. São

¹Aline Renée Benigno dos Santos, mestranda e bolsista da CAPES, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – alinerene@gmail.com

²Josias Ricardo Hack, Professor Doutor, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – professor.hack@hotmail.com

eles, os textos descritivos, os narrativos, os expositivos, os argumentativos e os instrutivos.

De um modo geral, a função da estrutura argumentativa é utilizada na língua para justificar ou rejeitar um ponto de vista, com objetivo de expor diferentes visões sobre determinado tema. No entanto, por mais que se reconheça uma orientação argumentativa no discurso humano não se pode confundir com a existência de uma estrutura prototípica dos textos escritos. A escolha de traçar um quadro analítico da produção de textos, no que diz respeito aos artigos de opinião publicados em jornais e revistas, pode verificar se estes contribuem para o conhecimento de mundo de quem os lê. Quando se lida com o domínio jornalístico, encontra-se uma gama de gêneros textuais que atende a um propósito comunicativo que justifica sua veiculação. Porém, nem sempre a questão de identificação de um gênero textual através de seu propósito comunicativo é simples. Exemplos têm comprovado que se pode criar uma fronteira nebulosa quando há uma fusão entre os gêneros, quando esses assumem uma configuração híbrida, ou seja, quando um gênero adquire a forma (ou objetivo) de outro gênero textual. Essa configuração inter-genérica irá ser observada e discutida nesse trabalho, através da identificação dos traços linguísticos pertinentes aos recursos utilizados em textos, tais como o artigo de opinião, em nível macro e micro estrutural, quanto a sua composição argumentativa: dimensão pragmática, esquemática global e linguística de superfície.

1. Sobre gêneros e sequências

A partir de 1995, no Brasil, especialmente no campo da linguística aplicada ao ensino de língua, tem se dado uma grande atenção ao estudo referente às teorias de gênero. Isso se deve, principalmente, aos novos referenciais nacionais de ensino de línguas – os PCNs – os quais fazem indicação explícita dos gêneros como objeto de ensino ou destacam a importância de considerar as características dos gêneros, na leitura e na produção de textos.

Esse dado aponta para o fato de que o trabalho a respeito do gênero está relacionado ao processo descritivo e funcional do mesmo. Para fazê-lo é necessário adotar procedimentos diversos recorrentes de diferentes autores e conceitos que selecionem suas categorias de análise. Este trabalho recorre a um plano descritivo intermediário, equivalente à estrutura ou forma composicional, trabalhando com noções herdadas da **Linguística Textual**. Discute ainda a seleção dos aspectos da materialidade linguística ou textual determinada pelos parâmetros da situação de enunciação, sem a pretensão de esgotar a descrição dos aspectos linguísticos.

Em relação às sequências textuais:

Aproxima os quadros teóricos da linguística textual e da análise do discurso francesa, apontando o texto como um objeto circundado e determinado pelo discurso. Partindo da enunciação ou das práticas discursivas (onde localiza o gênero, o discurso e o interdiscurso), ele delimita o campo da linguística textual como o responsável pelo estudo do modo como os mecanismos de textualização se constituem e se caracterizam. (ADAM apud BONINI, 2005, p. 208).

A sequência textual é vista como um conjunto de proposições psicológicas que se estabilizaram como recurso composicional dos vários gêneros. O fato de ser linguisticamente estável é o que possibilita sua determinação (mais facilmente em relação ao gênero), embora ela também ocorra de modo heterogêneo nas realizações textuais. Esse conceito foi incorporado aos PCNs e tem sido considerado de grande valia para o ponto de reflexão no quadro de várias teorias de gêneros. A sequência linguística é uma noção pertinente ao debate

nas diversas perspectivas do estudo dos gêneros. A diferença fundamental da sequência em relação ao gênero é a sua menor variabilidade. Os gêneros marcam situações sócio-específicas, sendo essencialmente heterogêneos. Já as sequências, como componentes que atravessam todos os gêneros, são relativamente estáveis, logo, mais facilmente delimitáveis em um pequeno conjunto de tipos. Sendo assim, o **gênero** é tipologicamente heterogêneo, pois pode conter diferentes **sequências** tipológicas em sua estruturação.

Em relação aos gêneros textuais, podemos observar uma releitura feita por Bakhtin que nos revela que os gêneros discursivos não são criados a cada vez pelos falantes, porém são transmitidos sócio-historicamente. Não obstante, os falantes, por sua vez, contribuem tanto de forma dinâmica para a preservação, como também para a permanente mudança e renovação dos gêneros. Essa explicação atende ao critério de criatividade no uso dos gêneros. Bakhtin (2000) vê os gêneros como resultado de um uso comunicativo da língua na sua realização dialógica. Os gêneros se apresentam altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Sua plasticidade é comprovada pelo predomínio da função em relação à forma na determinação do gênero. Devido a essa posição adotada pelo autor em relação ao gênero textual, citam-se aqui algumas colocações relevantes para os gêneros: são tipos ‘relativamente estáveis’ de enunciados; operam em certos contextos; são reflexos de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura; são definidos por seus propósitos (funções, intenções, interesses); são condicionados por fatores (semióticos, sistêmico, comunicativos e cognitivos); são variáveis em contextos discursivos; estão ancorados em alguma situação concreta; estabelecem relações de poder; refletem estruturas de autoridade; são frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem; e são realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas.

Marcuschi (apud KOCH, 2002, p.69) apresenta várias conceituações relevantes nesse campo e levanta argumentos para diferenciar tipo textual de gênero textual, duas noções que, para o autor, devem ser claramente distinguidas, pois sua confusão pode esvaziar a noção de gênero textual da sua carga sociocultural, historicamente construída, ferramenta essencial, para alguns, na socialização do homem via linguagem escrita. Esse rigor descritivo deveria dificultar uma compreensão equivocada do conceito de gênero, que, por exemplo, limitasse o ensino dos gêneros aos seus aspectos meramente estruturais ou que, para dar outro exemplo, ignorasse o fato de que a construção dos gêneros valorizados da escrita está assentada nos gêneros da oralidade.

Os textos são produtos da atividade de linguagem em funcionamento permanente nas formações sociais: em função de seus objetivos, interesses e questões específicas, essas formações elaboram diferentes espécies de textos, que apresentam características relativamente estáveis (justificando-se que sejam chamadas de **gêneros de texto**) e que ficam disponíveis no **intertexto** como modelos **indexados**, para os contemporâneos e para as gerações posteriores. (BRONCKART, 2003, p.137)

Bronckart (2003, p.75) afirma também que “devido a sua relação de interdependência com as atividades humanas, os gêneros são múltiplos, e até mesmo em número infinito, os segmentos que entram em sua composição são em número finito, podendo, ao menos parcialmente, ser identificados por suas características lingüísticas específicas”. Existe hoje, no campo da Lingüística Textual, grande interesse pela teoria dos gêneros e suas aplicações. Os gêneros podem ser identificados por três características fundamentais: o tipo de tema que podem veicular; a sua forma composicional; e as marcas lingüísticas que definem seu estilo. As diferentes manifestações verbais concretizam-se em textos — orais ou escritos — organizados nos gêneros. Estes se referem, portanto, a famílias

de textos que possuem características comuns. Não é qualquer gênero que serve para se dizer qualquer coisa, em qualquer situação comunicativa. Bakhtin (apud KOCH, 2004, p.53) afirma ainda que “as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua. Esta utilização é variada e o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, tanto pelo seu conteúdo temático, quanto pelo seu estilo verbal”. Dessa forma, todos os enunciados se baseiam em formas-padrão e estáveis de estruturação do todo. A grande heterogeneidade dos gêneros está ligada às esferas de utilização da língua que também são heterogêneas. Por esse motivo, Bakhtin diferencia os gêneros primários dos secundários. Aqueles são constituídos em situações cotidianas de relação humana, muito mais simples. Esses estão relacionados a questões mais complexas de interação social, que absorvem e mudam os gêneros primários, necessitando de uma instrução formal para tal.

2. A trama argumentativa em Artigos de Opinião

No gênero artigo de opinião, a seqüência lingüística contém comentários, avaliações, expectativas sobre um **tema** da atualidade que, por sua transcendência, no plano nacional ou internacional, já é considerado, ou merece ser, objeto de debate. Nessa categoria, incluem-se os editoriais, artigos de análise ou pesquisa e as colunas que levam o nome de seu autor. Os editoriais expressam a posição adotada pelo jornal ou revista em concordância com sua ideologia, enquanto que os artigos assinados e as colunas transmitem as opiniões de seus redatores, o que pode levar a encontrar, muitas vezes, opiniões divergentes e até antagônicas em uma mesma página. Embora estes textos possam ter distintas superestruturas em sua **forma composicional**, em geral, organizam-se seguindo uma linha argumentativa que se inicia com a identificação do tema em questão, acompanhado de seus antecedentes e alcance, e que segue com uma tomada de posição, isto é, com a formulação de uma tese; depois, apresentam-se os diferentes argumentos de forma a justificar esta tese; para encerrar, faz-se uma reafirmação da posição adotada no início do texto.

A efetividade do texto tem relação direta não só com a pertinência dos argumentos expostos, como também com as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor. Pode-se encontrar, entre estas estratégias, as seguintes situações: as acusações claras aos oponentes, as ironias, as insinuações, as digressões, as apelações à sensibilidade ou, ao contrário, a tomada de distância através do uso das construções impessoais, para dar objetividade e consenso à análise realizada; a retenção em recursos descritivos - detalhados e precisos, ou em relatos em que as diferentes etapas de pesquisa estão bem especificadas com uma minuciosa enumeração das fontes da informação. Todos eles são recursos que servem para fundamentar os argumentos usados na validade da tese.

A progressão temática ocorre geralmente através de um esquema de temas derivados. Cada argumento pode encerrar um tópico com seus respectivos comentários. Estes artigos, em virtude de sua intencionalidade informativa, apresentam **marcas lingüísticas** como, por exemplo, uma preeminência de orações enunciativas, embora também incluam, com freqüência, orações dubitativas e exortativas devido à sua trama argumentativa. As primeiras servem para relativizar os alcances e o valor da informação de base, o assunto em questão; as últimas, para convencer o leitor a aceitar suas premissas como verdadeiras. No decorrer destes artigos, opta-se por orações complexas que incluem proposições causais para as fundamentações, consecutivas para dar ênfase aos efeitos, concessivas e condicionais.

Para interpretar estes textos, é indispensável captar a postura ideológica do autor, identificar os interesses a que serve e precisar sob que circunstâncias e com que propósito foi organizada a informação exposta. Para cumprir os requisitos desta abordagem, necessita-se utilizar estratégias tais como a referência exofórica, a integração crítica dos dados do texto com os recolhidos em outras fontes e a leitura atenta das entrelinhas, a fim de converter em

explícito o que está implícito.

3. A sequência linguística tipo argumentativa

As **sequências textuais** são os modos de organização linear que visam a formar uma unidade textual coesa e coerente, que vão expressar linguisticamente o efeito de sentido que as modalidades discursivas pretendem instaurar na interação entre os interlocutores de uma atividade de linguagem. De acordo com as modalidades discursivas e a serviço da sua textualização em um determinado gênero textual, as sequências textuais, homônimas dessas modalidades discursivas, são fruto de uma reestruturação da unidade temática de um texto de um determinado gênero textual. No que diz respeito ao ato de argumentar, este é fundamentalmente um ato lingüístico, porque comunicar não é agir na explicitude linguística, mas sim elaborar um discurso que envolva as intenções do falante.

A argumentação visa provocar ou incrementar a ‘adesão dos espíritos’ às teses apresentadas ao seu assentimento, caracterizando-se, portanto, como um ato de persuasão. Por sua vez, esse procura atingir a vontade de seus interlocutores por meios de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo. (PERELMAN apud KOCH, 1999, p.20)

A sequência linguística tipo argumentativa (*stricto sensu*) possui um discurso argumentativo caracterizado pela presença de uma idéia a ser defendida. Dessa forma, o discurso é orientado em direção a determinadas conclusões e necessita-se, para isso, elaborar estratégias de persuasão. Um primeiro passo para persuadir um interlocutor seria estabelecer um acordo inicial acerca das premissas sobre as quais a argumentação será construída e um segundo movimento seria o de vincular tais acordos (premissas) ao ponto de vista defendido.

A ligação entre as premissas e o ponto de vista seria realizada a partir dos movimentos de justificação das premissas e da refutação de possíveis objeções a elas. Nesse sentido, detalham-se os elementos constituintes da argumentação como ponto de vista, dados e justificativa. A argumentação elaborada tem, ainda, a justificação da justificação, a modalização e a contra-argumentação. Bronckart (1999, p. 132) defende que “o autor pode fortalecer tal justificativa (justificação da justificação) ou enfraquecê-la, apresentando contra-argumentos. Nesse caso, dois caminhos podem ser adotados: ou ele refuta tais objeções ou refaz a tese”. Incorporam-se, a esse respeito, as discussões sobre condições de produção textual, e defende-se que tais decisões são tomadas pelo redator em função de como a situação é representada. Muitas características da situação de interação, com certeza, interferem em tais decisões, tais como as representações do redator acerca das opiniões dos possíveis leitores; a complexidade do tema; os conhecimentos sobre o gênero discursivo a ser construído; dentre outros.

A sequência argumentativa visa persuadir o leitor acerca de uma posição. Quanto mais polêmico for o assunto em questão, mais dará margem à abordagem argumentativa. Isso pode ocorrer desde o início quando se defende uma tese ou também apresentar os aspectos favoráveis e desfavoráveis posicionando-se apenas na conclusão. E, ainda, além de dissertar, procura-se formar a opinião do leitor ou a do ouvinte, tentando convencê-lo de que a razão está conosco, isto é, a verdade. Argumentar é, em última análise, convencer ou tentar convencer mediante a apresentação de razões em face da evidência das provas e à luz de um raciocínio lógico e consistente. Em muitas situações, como discussões na imprensa, nas assembleias ou em conversas cotidianas, a argumentação passa a ser um “bate-papo”. Às vezes ocorrem insultos ou sarcasmos. Tudo isso não contribui para uma verdadeira argumentação. Pelo contrário, parece que faltou conhecimento de mundo que consiga defender o ponto de vista.

A estrutura argumentativa deve promover credibilidade. Com a busca de argumentos por autoridade e provas concretas, o texto começa a caminhar para uma direção coerente, precisa e persuasiva. Somente o fato pode fortalecer o texto argumentativo. Não se pode confundir fato e opinião. O fato é único e a opinião é variável. Por isso, quando ocorre generalização diz-se que houve um “erro de percurso”. Uma argumentação legítima precisa ser construtiva e crítica. Porém, a argumentação informal só é considerada uma evidência se houver comprovação. Às vezes, conversas são apenas exposições narrativas e descritivas sem nenhuma preocupação com o real. Mesmo assim, nos encontros informais, há de qualquer forma uma pessoa tentando convencer outra. Dependendo do ponto de vista, isso pode ser uma argumentação, mesmo sendo falaciosa.

Para que se possa focalizar a função da seqüência argumentativa no gênero artigo de opinião, pode-se começar pela premissa de que todo texto deve ter unidade, coerência e ênfase. Contudo, percebe-se que não são os únicos, mas talvez os que possam representar a parte fundamental para que haja comunicação. A unidade consiste em dizer uma coisa de cada vez. Todas as idéias cumprem seu papel desenvolvendo a idéia núcleo, permitindo a compreensão. As idéias principais e as secundárias mantêm relações. Nesse momento surge a coerência com o intuito de organizar o sentido de cada idéia apresentada. Para Platão e Fiorin (1990, p. 175), “todo texto é argumentativo porque todos são de certa maneira persuasivos”. Deve-se ressaltar que a concisão no qual o pensamento precisa ser expresso com o mínimo de palavras demonstra que algumas idéias são desnecessárias não fazendo nenhuma falta na hora da comunicação argumentativa. Longas explicações só tornam o texto cansativo para o leitor. Algumas pessoas se iludem ao escrever muito pensando que estão argumentando.

Outro aspecto é a clareza. Não escrevemos somente para nós mesmos. Escrevemos para um leitor crítico que não deve precisar ler duas vezes para entender o que está escrito. Períodos longos e ambigüidade são grandes inimigos da clareza. Há também um folclore em torno da precisão. Usar um vocabulário prolixo só tende a prejudicar o texto. O léxico deve ser valorizado pela sua expressividade e não por clichês que tornam a argumentação confusa e insignificante. Conhecer o significado de cada vocábulo faz parte de um autor maduro e que tem domínio do assunto que pretende abordar. A qualidade **unidade** é um dos recursos mais importantes na argumentação, já que um texto dispersivo, cheio de informações desconstruídas, não é compreendido por ninguém. É importante, também, a citação de outros textos, **argumento de autoridade**, pois este é que comprova os argumentos utilizados para defender a tese em questão. Platão e Fiorin (1990, p. 174) também discutem sobre alguns recursos lingüísticos usados com a finalidade de convencer. Trata-se da comprovação de que o autor ou o falante conhece bem o assunto que está sendo abordado. Outros recursos ou qualidades como argumentos baseados em provas concretas e raciocínio lógico não devem ser ignorados. Podem-se observar tais qualidades em editoriais e redações escolares. Afinal, bem se sabe que todo texto apresenta intertextualidade.

A argumentação é a exposição de recursos com o objetivo de fazer o texto ser ou parecer verdadeiro. Para finalizar essas qualidades, Koch (2002, p. 121) afirma que “a coerência teria a ver com a boa formação do texto. Portanto, a coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução numa situação comunicativa entre dois usuários”. Paralelamente ao conceito de coerência encontra-se a coesão. “A coesão é explicitamente revelada através de marcas lingüísticas”. Manifesta-se na organização da seqüência do texto argumentativo, relacionando um elemento do texto a outro. Isso é fundamental para uma interpretação. A compreensão do texto depende desses articuladores ou conectores, ou melhor, a compreensão que o texto pretende atingir. Sempre que se pensa em coerência logo se pensa em coesão. A seqüência argumentativa pode estar presente em várias situações. O que não se pode permitir é que a argumentação deixe de ser um ato de pensar. Aqueles que acreditam que comunicar é apenas transmitir informações, precisam refletir mais. Argumentar

é fazer crer e a aceitação depende de vários fatores.

A seqüência lingüística tipo argumentativa apresenta três dimensões, a saber: pragmática, esquemática global e linguística de superfície. (Koch & Fávero, 1987, p. 3 -10)

A **dimensão pragmática** se divide em macro-ato, atitude comunicativa e atualização em situação comunicativa. O macro-ato está relacionado à estruturação do discurso persuasivo que usa de relações lógicas para sua construção. Cumpre distinguir inicialmente o que caracteriza estas relações do ponto de vista lingüístico, e, a seguir, do ponto de vista discursivo. No trato das relações discursivas, a distinção tema e objetivo, e, em especial, a conseqüente caracterização do segundo será útil na condução às estratégias básicas do discurso argumentativo persuasivo. A atitude comunicativa é o fazer-crer/fazer-fazer. Esta se relaciona à intenção do autor, aquilo que ele pretende com seu interlocutor. A atualização em situação comunicativa refere-se à análise dos gêneros em que a seqüência pode ocorrer, como por exemplo, cartas, receitas, redações escolares, artigos científicos ou de opinião, como neste trabalho será analisado.

A segunda dimensão, **esquemática global**, divide-se em superestrutura argumentativa e categorias. A superestrutura argumentativa reporta-se a especificação da estrutura do gênero artigo de opinião, por seu caráter argumentativo, exigindo a construção de parágrafos para que estes contribuam para a explicitação da tese a ser defendida, dos argumentos que a confirmam, dos contra-argumentos que a negam, dos exemplos e das conclusões. Diferentes tipos de disposição das idéias podem ser utilizados na construção dos parágrafos. As categorias dividem-se em tese anterior, argumentos, contra-argumentos, síntese e conclusão. A tese anterior é aquela nas quais as premissas que são conhecidas por todo mundo, são pressupostas, e não exigem muita comprovação; a alternância entre assuntos com graus distintos de produtividade argumentativa ajuda a distrair a atenção do ouvinte para possíveis pontos polêmicos que vêm misturados; as estratégias utilizadas pelo locutor são escolhidas em função do grau de aceitação ou de contestação que as premissas defendidas possam desencadear.

Os argumentos são aqueles que compõem a seqüência argumentativa, sendo a mais comum aquela em que se estabelece uma tese e, para se chegar a ela, propõem-se provas naturais, verdades comprovadas, exemplos de conhecimento apriorístico em geral – tais como as falas e os fatos já veiculados. Além da argumentação simples, há outras formas, mais elaboradas, também usadas na tessitura argumentativa do discurso, a contra-argumentação ou a argumentação pelos contrários, pela qual se derruba uma asserção ao se provar que os fatos a contradizem. Para defender uma idéia, tentando informar e, se possível, convencer o interlocutor, precisa-se comprová-la e justificá-la através da síntese. Toda declaração que expresse opinião pessoal ou pretenda estabelecer a verdade só terá validade se devidamente demonstrada, isto é, se apoiada ou fundamentada na evidência dos fatos, quer dizer, acompanhada de provas. Na conclusão retoma-se a idéia principal, que deve aparecer de forma mais convincente, uma vez que já foi fundamentada durante o desenvolvimento, e pode ser seguida da apresentação de uma nova tese, ou seja, um novo questionamento.

Enfim, a **dimensão lingüística de superfície** refere-se aos modalizadores, aos operadores argumentativos, às metáforas temporais e aos recursos à autoridade, por exemplo, segundo Koch (2002, p. 133), “o encadeamento de segmentos textuais, de qualquer extensão (períodos, parágrafos, subtópicos, seqüências textuais ou partes inteiras do texto), é estabelecido, em grande número de casos, por meio de recursos lingüísticos que se denominam articuladores textuais ou operadores de discurso”. Os modalizadores, por exemplo, são todos os elementos lingüísticos diretamente ligados ao evento de produção da seqüência lingüística e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação a seu discurso. Estes elementos caracterizam os tipos de atos de fala que desejam desempenhar, revelam o maior ou menor grau de engajamento do falante com

relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais as diversas seqüências podem servir de argumento, selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los, enfim, aos diversos personagens cujas vozes se fazem ouvir no interior de cada discurso.

Os chamados operadores argumentativos são aqueles que podem relacionar elementos de conteúdo, ou seja, situar os estados de coisas de que o enunciado fala no espaço e/ou no tempo, bem como estabelecer entre eles relações entre dois ou mais atos de fala, exercendo funções enunciativas ou discursivo-argumentativas: oposição, contraste, concessão, justificativa, explicação, generalização, disjunção argumentativa, especificação, comprovação, entre outras. Esses articuladores comentam, de alguma forma, a própria enunciação; e podem, ainda, desempenhar, no texto, funções de ordem meta-enunciativa. Já as metáforas temporais são articuladores de conteúdo proposicional que determinam no texto as relações de espaço e tempo. Por fim, o recurso à autoridade, o qual está relacionado à evocação do concreto que é uma das formas, através da narração de fatos ou descrição de lugares, pessoas ou coisas, de criar a emoção, a especificação. Este recurso é indispensável para comprovar a tese, já que esquemas abstratos e noções gerais não agem sobre a imaginação do ouvinte.

Considerações finais

Por tudo o que foi abordado neste trabalho, é muito simples afirmar que a seqüência lingüística argumentativa no gênero artigo de opinião é algo bastante enriquecedor dentro dos estudos em Lingüística Textual, simplesmente porque estas considerações auxiliam na compreensão e na interpretação desses textos.

O artigo, conforme sua organização lingüístico-textual, ou seja, sua estrutura argumentativa, e suas características discursivas (aquelas relativas às suas condições de produção e de circulação na sociedade), pode ser classificado como um gênero de tipo discursivo opinativo. Considerando-se os aspectos descritos por Bakhtin (2000, p.311), configuram um gênero o seu conteúdo temático, a sua forma composicional e as suas marcas lingüísticas que definem o seu estilo.

Os estudos sobre gêneros, feitos por Bakhtin, foram de extrema importância para o início desta discussão, facilitando e ampliando os conhecimentos mais específicos, voltados ao gênero em questão. O conceito de J-Adam sobre seqüência textual foi utilizado como fundamentação teórica para o entendimento sobre os vários gêneros, porque seqüência é uma noção concernente ao debate nas diversas perspectivas do estudo dos gêneros. As seqüências percorrem todos os gêneros, sendo relativamente mais estáveis e delimitáveis em um pequeno conjunto de tipos.

Os estudos sobre o texto artigo de opinião fazem parte de um amplo esforço teórico, com perspectivas e métodos diferenciados, de constituição de um outro campo, que é a Lingüística Estrutural, que vai além dos limites de simplesmente o dizer/dizer, mas sim, procura introduzir em seu escopo teórico, o sujeito e a situação de comunicação em que está constituído e por esse motivo é que se pode caracterizá-lo como um gênero secundário, muito mais complexo do que os outros. Todas as abordagens feitas podem ser vistas como parte deste esforço em desmembrar a estrutura argumentativa do gênero artigo de opinião. Em virtude de sua intencionalidade informativa, este apresenta marcas lingüísticas significativas para sua análise.

Estas foram apresentadas, aqui, com o intuito de esclarecer a macro e a micro estrutura argumentativa deste discurso. Para tanto, analisou-se a composição argumentativa no gênero artigo de opinião, no que diz respeito à sua dimensão pragmática, esquemática global e lingüística de superfície. A escolha desse tipo de discurso não foi aleatória, mas dependeu, sim, da necessidade de entender melhor uma tipologia textual complexa.

Assim, para uma boa interpretação desse gênero é indispensável captar a postura ideológica do autor, identificar os interesses e precisar sob que circunstâncias e com que propósito foram organizadas as informações expostas. As estratégias convertem em explícito aquilo que está implícito. Um trabalho minucioso e de grande importância dentro da Linguística Textual. Sem todas essas estratégias de análise, não é possível o “**desvendamento da teia argumentativa**”, e isto é imprescindível para a inteligência dos textos e para o desenvolvimento de todo este trabalho.

Descobriu-se então, através dessas leituras, que o texto argumentativo está em todas as situações possíveis. A argumentação é um ato de pensar. As pessoas pensam que comunicar é apenas transmitir informações - um ledor engano - pois argumentar é expressar o que se pensa de forma clara e precisa, com o objetivo de persuadir. Argumentar é fazer crer. E a aceitação depende de vários fatores, muitos aqui apresentados. E nisto, o gênero artigo de opinião é bastante preciso.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Os gêneros do discurso**. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- BONINI, A. **A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam**. In: MEURER, J.L. et al. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. [Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha]. São Paulo: EDUC, 1999.
- DIONÍSIO, A. P. et al. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro : Lucerna, 2002.
- KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. **O texto e a construção de sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- KOCH e FÁVERO, I. G. V. e L. **Contribuição a uma tipologia textual**. Letras e Letras.V. 3, n.1, UFBA, 1987.
- MARCUSCHI, L. A. (2002). “Gêneros textuais: definição e funcionalidade” In DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- PERELMAN, C. & OLBRECHTS - Tyteca, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. [Trad. Maria Emantina Galvão]. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PLATÃO, F. & FIORIN, J.L. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1990.
- <http://www.pead.letras.ufrj.br>. **Repensando a argumentação textual**. Acesso em 24/01/2006.